



ANAIIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XVI (2015)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Kathryn Anderson Wellen, The Open Door — Early Modern Wajorese Statecraft and Diaspora, DeKalb, Northern Illinois University Press, 2014, 217pp. ISBN: 9780875807126

Paulo Jorge de Sousa Pinto 

Como Citar | How to Cite

Pinto, Paulo Jorge Sousa. 2015. «Kathryn Anderson Wellen, *The Open Door — Early Modern Wajorese Statecraft and Diaspora*, DeKalb, Northern Illinois University Press, 2014, 217pp. ISBN: 9780875807126». *Anais de História de Além-Mar* XVI: 545-548.
<https://doi.org/10.57759/aham2015.36935>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2015. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2015. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

Kathryn Anderson Wellen, *The Open Door — Early Modern Wajorese Statecraft and Diaspora*, DeKalb, Northern Illinois University Press, 2014, 217 pp. ISBN 9780875807126.

Kathryn Anderson Wellen é uma historiadora americana da Ásia do Sueste, cujos trabalhos de investigação mais relevantes têm incidido sobre os sultanatos da região sul de Sulawesi (Celebes), mais especificamente sobre o reino de Wajoq e as suas relações com Macaçar. É, presentemente, investigadora no KITLV (Royal Institute of Southeast Asian and Caribbean Studies), em Leiden. *The Open Door* é o resultado da reformulação da sua dissertação de doutoramento, apresentada à Universidade de Hawai'i em 2003, sob a supervisão de Leonard Andaya. Trata-se de um trabalho de mérito, inovador e aprofundado, acerca de um fenómeno mal estudado e que, até ao momento, não despertara especial interesse por parte dos historiadores: os impactos da chamada «Guerra de Macaçar», que opôs a VOC holandesa ao sultanato de Macaçar (mais precisamente, Gowa-Talloq), no reino vizinho de Wajoq. A questão pode ser resumida brevemente do seguinte modo: devido à sua lealdade para com Gowa e por terem alinhado no conflito ao lado dos vencidos, os Wajo sofreram consequências invulgarmente severas, impostas pelos holandeses e pelo reino vencedor de Boné. Neste sentido, a obra permite um interessante confronto com um trabalho clássico do orientador da autora, Leonard Andaya, acerca de Arung Palakka, o personagem que liderou Boné ao lado dos holandeses e que foi o principal obreiro da derrota de Gowa e da humilhação inflingida aos Wajo (*The Heritage of Arung Palakka — A History of South Sulawesi (Celebes) in the Seventeenth Century*, Haia, Martinus Nijhoff, 1981). Já sobre outros aspetos, nomeadamente a atenção dedicada às crónicas Bugis e o enquadramento das problemáticas históricas nas estruturas sociais, políticas e ideológicas da região sul de Sulawesi, o livro permite uma boa articulação com trabalhos mais recentes de L. Andaya, mas também com os de Ian Caldwell, Christian Pelras ou J. Noorduyn, ente outros.

The Open Door debruça-se sobre o rescaldo daquela derrota — uma diáspora por várias regiões do arquipélago malaio-indonésio — mas também sobre a forma como as

diversas comunidades Wajo lograram integrar-se e prosperar no seio das sociedades de acolhimento e, sobretudo, manter uma estreita ligação à sua terra de origem, que lhes permitiria um regresso triunfante algumas décadas mais tarde. O título da obra faz eco de uma característica fundamental de Wajoq, presente nas tradições sociais deste reino e nos seus textos fundacionais: a mobilidade dos habitantes e o seu direito à saída e ao regresso, sem quaisquer restrições. Foi, precisamente, esta mobilidade consagrada na tradição e na prática que permitiu a sobrevivência de laços duradouros e resilientes entre as estruturas políticas e sociais de Wajoq e as comunidades que se espalharam pelo Sueste Asiático.

The Open Door está dividido em oito capítulos, no decorrer dos quais são expostas e analisadas várias facetas e aspetos deste processo, mediante o uso abundante de bibliografia e de fontes, quer holandesas, quer locais. Não se limitando a descrevê-lo de forma cronológica ou factual, a autora elabora interessantes reflexões sobre conceitos e problemas que envolvem a diáspora dos Wajo, as suas estratégias de adaptação aos contextos sociais e políticos das sociedades onde se fixaram e os problemas de identidade que daí advieram. O primeiro capítulo é dedicado a «diásporas e estados», onde se procede a uma abordagem destes e de outros conceitos, nomeadamente o confronto entre as conceções, digamos, «clássicas» da História europeia (como fronteira ou estado-nação) e as realidades políticas e sociais da Ásia do Sueste. O capítulo II é dedicado, ainda de forma introdutória, aos antecedentes do fenómeno central que constitui o cerne do livro: a história, a estrutura social e a tradição política dos reinos da região que permitem compreender melhor a «Guerra de Macaçar» e os seus efeitos em Wajoq.

Nos três capítulos seguintes, a autora traça as linhas essenciais da diáspora. Primeiro, define um quadro espacial com quatro dos destinos mais importantes (Macaçar, a zona oriental de Kalimantan (Bornéu), a Península Malaia e Samatra ocidental), descrevendo o modo como estas comunidades conseguiram, mediante a celebração de acordos e tratados com as autoridades locais, estabelecer boas relações ao nível político e criar formas de autogoverno que garantiram a autonomia e o fortalecimento dos laços entre os diversos grupos. De seguida, debruça-se sobre a organização das redes comerciais dos Wajo e o enquadramento legal que regulava as suas atividades, o que, em última análise, foi um fator determinante para a prosperidade e o poder económico que estas comunidades conseguiram alcançar nas décadas que se seguiram ao êxodo. Finalmente, aborda a questão das ligações familiares como fator de coesão e crescimento destas redes por todo o Sueste Asiático, não apenas como estratégia de reforço dos laços que uniam os diversos grupos mas como instrumento diplomático na relação com as sociedades de acolhimento.

O capítulo VI é, talvez, o mais interessante de toda a obra, por abordar uma questão inevitável em qualquer estudo envolvendo diásporas: os problemas da etnicidade e identidade. O que resulta fascinante no caso em estudo é a forma como a identidade das comunidades Wajo era essencialmente permeável, incorporando traços distintos e de origens diversas. Este aspeto está condensado nas duas frases seguintes, que se reportam à atualidade: «Cada Wajo é simultaneamente membro de grupos mais alargados, como os Bugis ou os indonésios, e de comunidades mais pequenas no seio de Wajoq, como

Talotenréng [um *limpo*, ou seja, uma das entidades políticas que formam o reino] ou uma aldeia. Quando um ou uma Wajo é interrogado(a) acerca das suas origens, o que ocorre frequentemente e não é considerado indiscrição no sul de Sulawesi, ele ou ela responde de acordo com uma escala de precisão adequada às circunstâncias» (p. 109). Assim, e no contexto em estudo, sem deixar de ser e assumir-se como Wajo (e, de forma mais abrangente, como Bugis), cada comunidade integrava gradualmente traços identitários das sociedades onde se estabelecia e com as quais estava ligada por laços familiares, num processo complexo de interações e solidariedades inclusivas que não deixavam, contudo, de gerar tensões, conflitos com outras comunidades, com as estruturas políticas da terra de origem ou com grupos rivais.

Finalmente, o capítulo VII descreve o percurso atribulado de La Maddukelleng, o líder Wajo exilado em Kalimantan que regressou a Macaçar na década de 1730 e que polarizou a luta contra os holandeses, razão pela qual foi em 1998 elevado à categoria de «herói nacional» na Indonésia. Já Hasanuddin, o sultão de Macaçar derrotado em 1669, havia merecido idêntico estatuto, em 1973. No entanto, a ação de La Maddukelleng foi igualmente de conduzir Wajoq a uma nova era de hegemonia regional, em detrimento dos vencedores da «Guerra de Macaçar», ou seja, o reino de Boné e os seus aliados. Um capítulo final, de conclusão, encerra a obra.

The Open Door é um trabalho que concilia, de forma muito satisfatória, a erudição e o trabalho de investigação com a síntese e a fluidez discursiva. É notável a forma como a autora consegue centrar-se no essencial, sem perder de vista os pormenores explicativos e os enquadramentos gerais, tornando a obra de fácil leitura, mesmo para quem não esteja familiarizado com a complexidade histórica dos reinos da região sul de Sulawesi e com as especificidades sueste-asiáticas. Alguns mapas, um pequeno glossário e um índice são presenças que contribuem decisivamente para a inteligibilidade do livro. Dispõe igualmente de notas explicativas e de uma bibliografia.

Há a apontar, contudo, alguns aspetos da obra que são passíveis de crítica e que limitam a profundidade da abordagem exposta. Refiram-se apenas dois. O primeiro é, ironicamente, a própria capacidade de síntese da autora, que permite uma leitura fluida e contínua mas condiciona, em várias ocasiões, uma abrangência e/ou uma análise mais pormenorizada sobre vários aspetos em estudo. Basta referir que o texto completo, excluindo notas e aparato erudito, não ultrapassa as 160 páginas. Várias questões mereceriam, deste modo, um tratamento mais elaborado. Por exemplo, o subcapítulo que trata da «identidade enquanto mecanismo essencial da diáspora» e que encerra o capítulo VI, ocupa apenas duas páginas, quando o tema mereceria um tratamento mais completo e profundo, assim como uma conclusão mais detalhada.

O segundo é a ausência de uma perspetiva comparativa, ainda que sumária, com outras diásporas que tiveram lugar no mesmo contexto histórico que aquele que constitui o cerne do livro. O capítulo final, chamado precisamente «os Wajo numa perspetiva comparada», não chega a ocupar cinco páginas de texto. Teria sido muito interessante situar a diáspora

dos Wajo em contraste, por exemplo, com as comunidades de chineses ultramarinos, de permeabilidade muito mais reduzida às sociedades e aos contextos políticos das regiões anfitriãs, em toda a Ásia do Sueste. Da mesma forma, a chamada «tribo portuguesa», ou seja, as comunidades mestiças de origem portuguesa que floresceram em Macaçar após a queda de Malaca em 1641 e que foram expulsas após a derrota de 1669, constituem outro exemplo paralelo — e próximo dos eventos mencionados no livro — que teria sido fascinante integrar numa perspetiva comparada. Espera-se portanto que a autora possa, num futuro próximo, alargar os horizontes de trabalho e a amplitude da sua investigação que tem neste *The Open Door* um excelente e auspicioso ponto de partida.

Paulo Jorge de Sousa Pinto

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, Portugal

Bolseiro de Pós-Doutoramento da FCT - SFRH/BPD/77629/2011

paulopinto@fcs.unl.pt

Luís M. Arruda, *O Descobrimento Científico dos Açores. Do povoamento ao início da erupção dos Capelinhos*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2014, 424 pp., ISBN 9789898225375.

A historiografia dos últimos anos tem aprofundado conhecimentos acerca dos Açores, tanto nas suas realidades internas como na relação com Portugal peninsular e o contexto internacional, sobretudo Atlântico. No caso deste arquipélago, como de outras regiões, uma das áreas em geral menos estudadas é o seu papel na História da Ciência. Por isso a obra que aqui registamos constitui um contributo importante, e nos seus moldes pioneiro, para o conhecimento do tema.

Luís M. Arruda, com formação e trabalho científico na área da Biologia, dedicou-se nos últimos anos a várias investigações históricas, focando-se principalmente em temas relacionados com o papel dos Açores na evolução da Ciência. Os seus conhecimentos em História da Ciência e dos Açores cruzaram-se em pesquisas anteriores, como sejam os artigos publicados na *Enciclopédia Açoriana* acerca de cientistas ou investigadores açorianos, o registo dos naturalistas que visitaram estas ilhas na centúria de Oitocentos ou os estudos sobre Francisco de Arruda Furtado. Este *descobrimento científico dos Açores* é, como afirma o próprio autor, o culminar de um processo de investigação que vinha realizando há bastante tempo e havia sido divulgado apenas de forma parcelar, em momentos como os que referimos acima.

Mas esta obra, ao contrário do que possa parecer, não tem os Açores como ponto de partida, no sentido de apresentar uma visão colocada do arquipélago para o mundo, necessariamente centrada no primeiro, mas sim do mundo para o arquipélago, fazendo